

NORA ROBERTS

CRÔNICAS DA ESCOLHIDA LIVRO 1

ANO UM



QUANDO ESTE MUNDO ACABA, UM NOVO COMEÇA.

Nora Roberts

Ano Um



Para Logan, por seus conselhos





A CATÁSTROFE

É a voz mansa e delicada que a alma escuta,
não as explosões ensurdecedoras da catástrofe.

– William Dean Howells

CAPÍTULO I

– *Dumfries, Escócia* –

Quando puxou o gatilho e derrubou o faisão, Ross MacLeod não tinha como saber que havia matado a si mesmo. E bilhões de outras pessoas.

Em um dia frio e úmido, o último daquele que seria seu último ano de vida, ele saiu para caçar com o irmão e o primo, caminhando pelos campos recobertos por uma finíssima camada de gelo sob o céu azul desbotado do inverno. Sentia-se saudável e em forma, um homem de 64 anos que frequentava a academia três vezes por semana e nutria enorme paixão pelo golfe (prova disso era seu *handicap* 9).

Com seu irmão gêmeo, Rob, havia fundado – e até hoje dirigia – uma agência de marketing de sucesso, com escritórios em Nova York e Londres. Nem sua esposa havia 39 anos nem a de Rob e a de seu primo Hugh os acompanharam na caçada; permaneceram na charmosa e antiga casa da fazenda.

Com o fogo ardendo nas lareiras de pedra e a chaleira em intensa atividade, as mulheres preferiram ficar cozinhando e planejando os detalhes da festa de Ano-Novo, cheias de expectativa.

Eles avançavam pesadamente pelos campos, em suas galochas. A fazenda MacLeod, passada de pai para filho havia mais de dois séculos, estendia-se por mais de 80 hectares. Hugh nutria pelo lugar um amor tão grande quanto o que sentia pela esposa, os filhos e os netos. Do campo que estavam atravessando, eles vislumbravam as colinas distantes que se erguiam a leste. E não muito longe, a oeste, estava o Mar da Irlanda.

Os irmãos e suas famílias sempre viajavam juntos, mas o passeio anual à fazenda era especial para todos. Quando crianças, eles costumavam passar um mês no local todo verão, correndo pelos campos com Hugh e seu irmão, Duncan – já falecido, por conta de sua opção pela vida de soldado.

Ross e Rob, os garotos da cidade, sempre se dedicavam às tarefas da fazenda delegadas por tio Jamie e tia Bess.

Aprenderam a pescar, caçar, alimentar galinhas e apanhar ovos. Passeavam pelas florestas e campos, a pé e a cavalo.

Naquela época, muitas vezes saíam de fininho na noite escura para uma caminhada até o mesmo terreno que percorriam agora, onde realizavam reuniões secretas e tentavam evocar espíritos dentro do pequeno círculo de pedras que os moradores locais chamavam de *sgiath de solas*, ou escudo de luz.

Jamais conseguiram evocá-los, e nem tentavam perseguir os fantasmas e as fadas que, como todo garoto sabe, percorrem as florestas. Se bem que certa vez, em uma aventura à meia-noite na qual o próprio vento prendeu o fôlego, Ross jurou sentir uma presença sombria, ouvir suas asas farfalhantes, chegando a perceber seu hálito fétido.

Sentiu – ele insistiria em afirmar – aquele bafo soprar para dentro de seu corpo.

Tomado pelo pânico adolescente, ele tropeçou ao sair correndo do círculo, e arranhou a palma da mão em uma das pedras.

Uma única gota de seu sangue caiu no chão.

Ainda hoje, já adultos, eles riam e se divertiam ao relembrares aquela noite. Eram recordações preciosas.

E, já adultos, passaram a trazer à fazenda as esposas, depois os filhos, em uma peregrinação anual que começava no dia seguinte ao Natal e terminava em 2 de janeiro. Seus filhos e a esposa de cada um deles haviam partido para Londres naquela manhã, onde todos celebrariam com amigos a chegada do novo ano – e passariam mais alguns dias, a negócios. Apenas Katie, a filha de Ross, que estava no sétimo mês da gestação de gêmeos, permanecera em Nova York.

Ela planejava, para o retorno dos pais, um jantar de boas-vindas que nunca aconteceria.

Entretanto, naquele revigorante último dia do ano, Ross MacLeod se sentia tão disposto e alegre quanto o garoto que um dia fora. Ele se surpreendeu com o rápido arrepio na espinha que sentiu ao ver que corvos voavam em círculos, crocitando, acima do círculo de pedras. Ele afastou a sensação, e foi quando o faisão levantou voo, uma rajada de cores contra o céu desbotado.

Ele ergueu a espingarda calibre 12 que ganhara do tio ao completar 16 anos e acompanhou o voo do pássaro.

Talvez tenha sido a mão ferida havia mais de cinquenta anos que o incomodou por um instante, latejou por mais um tempo.

Seja como for...

Ele puxou o gatilho. Quando o tiro rasgou o ar, os corvos gritaram, mas não se dispersaram. Um deles se separou do grupo, como se quisesse pegar a ave atingida. Um dos homens riu quando o pássaro negro colidiu com o faisão que caía.

O pássaro morto atingiu o centro do círculo de pedra. Seu sangue espalhou-se pelo chão enregelado.

Rob bateu com a mão no ombro de Ross, e os três homens sorriam enquanto um dos alegres labradores de Hugh corria para buscar o pássaro.

– Você viu aquele corvo maluco?

Balançando a cabeça, Ross riu novamente.

– Ele não vai ter faisão para o jantar.

– Mas nós vamos – replicou Hugh. – São três para cada. Um banquete. Eles reuniram seus pássaros, e Rob tirou um bastão de selfie do bolso.

– Sempre preparado.

Assim, eles tiraram uma foto – três homens com as faces coradas pelo frio, todos com os olhos azuis cintilantes dos MacLeod – antes de iniciar o agradável percurso de volta para a casa.

Atrás deles, o sangue do pássaro, como que aquecido por uma chama, penetrava no solo. E pulsava à medida que a camada de gelo se diluía, rachava.

Caçadores satisfeitos, eles passaram por campos de cevada que balançavam levemente ao sabor do vento suave, e por ovelhas que pastavam em um outeiro. Uma das vacas que Hugh mantinha para engorda mugia preguiçosamente.

Enquanto caminhavam, Ross, um homem realizado, sentiu-se abençoado por terminar um ano e começar outro na fazenda, com as pessoas que amava.

As chaminés da robusta casa de pedra sopravam fumaça. Ao se aproximarem, os cachorros – tendo terminado mais um dia de trabalho – correram para lutar e brincar. Os homens, já acostumados, desviaram-se em direção a um pequeno depósito.

Hugh era casado com Millie, que, sendo esposa e filha de fazendeiros, recusava-se a limpar animais de caça. Então, sobre um banco que Hugh havia construído para esse propósito, eles se prepararam para fazer o trabalho.

Conversavam distraidamente – sobre a caçada, sobre a refeição que fariam – enquanto Ross pegava uma tesoura afiada para cortar as asas do faisão. Ele limpou a ave como o tio lhe ensinara, cortando bem perto do tronco. As partes aproveitadas para fazer sopa foram colocadas em um saco plástico grosso, a ser deixado na cozinha. Outras partes foram para outro saco, para serem descartadas.

Rob deu uns grasnados levantando uma cabeça de ave decepada. Ross riu involuntariamente, e, distraído, acabou cortando o polegar em uma ponta de osso quebrado.

– Droga – resmungou ele, estancando o filete de sangue com o indicador.

– Você sabe que tem que tomar cuidado com isso – repreendeu Hugh.

– Eu sei, eu sei. A culpa é desse idiota aqui.

Quando ele puxou a pele do faisão, o sangue do pássaro se misturou ao dele.

Terminado o trabalho, lavaram as aves depenadas em água gelada, bombeada do poço.

As mulheres estavam reunidas na grande cozinha de fazenda, o ar repleto de aromas de cozimento e do calor do fogo que crepitava na lareira.

A cena pareceu tão acolhedora aos olhos de Ross – uma pintura perfeita – que tocou seu coração. Colocando no amplo balcão da cozinha as aves que trazia, ele girou a esposa nos braços, fazendo-a rir.

– O retorno dos caçadores – comentou Angie, dando-lhe um selinho estalado.

Millie, com sua cabeleira ruiva cacheada presa no alto da cabeça, fez um aceno de aprovação para a pilha de aves.

– Dá para o nosso banquete e ainda sobra para a festa. Que tal fazermos umas tortinhas de faisão e nozes com isso aí? Rob gosta, se bem me lembro.

Ele abriu um sorriso largo, acariciando a barriga que sobrava por cima do cinto.

– Acho que eu vou ter que ir caçar mais alguns, para sobrar para os outros.

Sua esposa, Jayne, cutucou a barriga dele.

– Já que você vai comer como um porco, vamos colocá-lo para trabalhar.

– Vamos mesmo – concordou Millie. – Hugh, você e os rapazes levem a mesa de jantar para o salão, para usarmos na festa, e coloquem a toalha de renda da minha mãe. Quero também os castiçais mais bonitos. Depois, pegue algumas cadeiras extras do armário e as coloque nos lugares.

– Já sei que vocês vão querer mudar tudo de lugar mesmo, não importa onde as coloquemos.

– Então é melhor começar já. – Millie esfregou as mãos, de olho nas aves. – Muito bem, garotas, vamos despachar esses homens e começar nosso trabalho.

Eles tiveram seu banquete, um feliz grupo familiar: faisão selvagem assado, temperado com estragão e recheado com laranjas, maçãs, cebolas e sálvia, sobre uma cama de cenouras, batatas e tomates. Além de ervilhas e um delicioso pão integral caseiro, manteiga da fazenda.

Família e bons amigos, velhos amigos, todos desfrutaram da última refeição do ano com duas garrafas de Cristal que Ross e Angie haviam trazido de Nova York especialmente para a ocasião.

Pelas janelas via-se cair uma neve tênue e fina enquanto eles tiravam a mesa e lavavam a louça, todos ainda radiantes de satisfação e na ávida expectativa da festa por vir.

Velas acesas, o fogo estalando, mais comida – dois dias para preparar – sobre as mesas arrumadas. Vinho, uísque e champanhe. Licores tradicionais, juntamente com pãezinhos doces, *haggis*, prato típico feito de bucho de carneiro, e queijos para a celebração do Hogmanay, o Ano-Novo escocês.

Alguns vizinhos e amigos chegaram cedo – antes da meia-noite –, para comer, beber e fofocar, para bater os pés ao ritmo das músicas de gaitas de foles e violinos. Assim, quando o velho relógio de parede fez soar as batidas da meia-noite, a casa se encheu de sons, canções e companheirismo.

O ano velho morreu ao último toque, e o ano novo foi recebido com vivas, beijos e vozes erguidas em canções típicas. Ross viveu tudo isso com a emoção de estar abraçado a Angie e de braços dados com o irmão.

Quando a música terminou, copos foram erguidos e a porta da frente se abriu.

– O primeiro pé! – exclamou alguém.

Ross observou a porta, esperando entrar um dos meninos dos Frazier, ou talvez Delroy MacGruder. Todos eram jovens de cabelos escuros e de boa índole, como exigia a tradição. O primeiro a entrar na casa no ano novo deveria ser assim, para garantir sorte.

Mas o que entrou foi o vento, a neve fina e a absoluta escuridão do campo.

Como estava mais perto da porta, Ross foi até lá, olhou para fora e saiu. O frio que percorreu seu corpo, ele atribuiu ao sopro do vento e ao inquietante e profundo silêncio que se seguiu.

O vento prendendo o fôlego.

Teria sido aquilo um farfalhar de asas, uma sombra perene – escuridão sobre escuridão?

Com um rápido estremecimento, Ross MacLeod voltou para dentro, um homem que nunca mais desfrutaria de um banquete nem veria um novo ano, e assim ele se tornou o primeiro pé.

– Devo ter esquecido de trancar – disse ele, fechando a porta.

Ainda se sentindo gelado, Ross foi até a lareira e aproximou as mãos do fogo. Uma mulher idosa estava sentada ao lado da lareira, o xale enrolado apertado no corpo, a bengala apoiada na cadeira. Ele a conhecia. Era a bisavó dos filhos de Frazier.

– Gostaria de um uísque, Sra. Frazier?

Ela estendeu a mão magra e manchada pela idade, e Ross ofereceu a sua. O cumprimento que ele recebeu foi de uma força surpreendente. Os olhos escuros da senhora eram penetrantes.

– Há tanto tempo foi escrito que a maioria o esqueceu.

– O quê?

– Que o escudo seria quebrado, o tecido rasgado, pelo sangue dos Tuatha de Danann. Agora virá o fim e a dor, o conflito e o medo: o princípio e a luz. Nunca eu imaginei que viveria para ver isso.

Ele colocou a mão sobre a dela, um gesto gentil, indulgente. Havia quem dissesse, ele bem sabia, que ela era uma das fadas; outros, que era meio incerta da cabeça. Mas o frio o perfurou mais uma vez, uma pontada bem na base da espinha.

– Começa com você, filho dos antepassados.

Os olhos dela se turvaram e sua voz ficou grave, enviando um novo arrepio de pavor pela espinha de Ross.

– Eis que agora, entre o nascer e o findar do tempo, o poder se eleva, o poder da escuridão e o da luz, despertando de seu prolongado sono. É chegada a sangrenta batalha entre eles. E, com o raio e as dores do parto, virá A Escolhida a empunhar a espada. Muitos serão os túmulos, a começar pelo seu. A guerra é longa, sem nenhum decreto para que chegue ao fim.

Lástima encobriu o rosto dela. Sua voz voltou ao normal, seus olhos clarearam.

– Mas não há culpados – prosseguiu ela –, e bênçãos virão quando magias há muito obscurecidas renascerem. Pode haver alegria após as lágrimas.

Com um suspiro, ela deu um breve aperto na mão dele.

– Eu aceito um uísque, obrigada.

– Perfeitamente.

Ross disse a si mesmo que era bobagem ficar abalado por aquelas palavras sem sentido, por aqueles olhos inquisidores. Mas teve que se acalmar antes de servir o uísque para a senhora. E para si mesmo.

A sala caiu em um silêncio ansioso quando ouviram a forte batida na porta. Hugh a abriu. O menino Frazier (Ross não identificou qual deles era) foi recebido com aplausos e satisfação ao entrar com um sorriso largo, trazendo um pão.

Muito embora o momento para trazer sorte já tivesse passado.

De qualquer modo, Ross já havia esquecido seu desconforto quando os últimos convidados foram embora, por volta das quatro da manhã. Talvez tivesse bebido um pouco demais, mas era noite de celebração, e ele só precisou cambalear até a cama.

Angie foi se deitar depois dele: nada a impedia de tirar a maquiagem e passar seu creme facial noturno.

– Feliz ano novo, querido – murmurou ela, com um suspiro.

Ele passou um braço ao redor dela, na escuridão.

– Feliz ano aovo, querida.

E Ross adormeceu, mergulhando em sonhos – um faisão coberto de sangue caindo no chão do pequeno círculo de pedra, corvos de olhos negros voando em círculos em número suficiente para bloquear o sol. O vento uivando como um lobo, um frio amargo e um calor feroz. Choro e lamento, o bater do relógio marcando o correr do tempo.

De repente, um terrível silêncio.

Ele acordou bem depois do meio-dia, enjoado e com a cabeça latejando. Lutando contra a ressaca, forçou-se a se levantar e arrastou-se até o banheiro para procurar algum analgésico na bolsinha de remédios da esposa.

Engoliu quatro aspirinas, bebeu dois copos de água na tentativa de aliviar a coceira na garganta. Apostou em um banho quente e, sentindo-se um pouco melhor, vestiu-se e desceu.

Foi até a cozinha, onde os outros já estavam reunidos à mesa para um brunch que incluía ovos, pãezinhos, bacon e queijo. E onde o cheiro e, mais ainda, a visão da comida fizeram seu estômago se contorcer.

– Finalmente – disse Angie, com um sorriso, mas logo depois jogou para trás os cabelos louros e inclinou a cabeça, estranhando o marido. – Você parece abatido, meu amor.

– Você parece mesmo um tanto cansado – concordou Millie, levantando-se. – Sente-se aqui, vou pegar uma boa xícara de café para você.

– Um *ginger ale* é do que ele precisa – prescreveu Hugh. – É a melhor coisa para o dia seguinte à bebedeira.

– Todos nós demos uma exagerada. – Rob deu uma golada no chá. – Eu mesmo estou me sentindo meio oco. A comida ajudou.

– Não quero comer nada por enquanto. – Ele aceitou o *ginger ale* que Millie lhe ofereceu, murmurou um agradecimento e deu um gole, receoso. – Acho que vou tomar um ar lá fora, arejar a cabeça. E lembrar por que estou velho demais para beber até amanhecer.

– Fale por você – disse Rob, que, embora também estivesse um pouco pálido, mordeu um pãozinho.

– Eu sempre vou estar quatro minutos à sua frente.

– Três minutos e 43 segundos.

Ross enfiou os pés nas galochas, vestiu uma jaqueta grossa e, pensando na dor de garganta, enrolou um lenço no pescoço e colocou um boné. Saiu para o ar frio e fresco levando consigo a caneca grossa com o chá que Millie lhe dera.

Tomou um gole do chá forte e escaldante. Quando se pôs a andar, Bilbo, o labrador preto, veio acompanhá-lo. Depois de muito caminhar, sentia-se mais estável. Ressacas podiam ser horrorosas, pensou, mas não duravam muito. E ele se recusava a passar suas últimas horas na Escócia lamentando ter exagerado no uísque e no vinho.

Uma ressaca não poderia estragar um passeio estimulante pelo campo na companhia de um bom cão.

Viu-se cruzando o campo onde derrubara o último faisão da caçada. E se aproximando do pequeno círculo de pedras.

Seria aquilo, na grama pálida do inverno que crescia sob uma película de neve, o sangue da ave? Era preto?

Não quis se aproximar, não quis ver. Quando se virou, ouviu um farfalhar.

O cachorro rosou baixinho quando Ross se virou para olhar para o bosque de velhas árvores retorcidas mais à frente. Algum animal, pensou ele, com um novo arrepio. Podia ouvir algo se movendo. Ouvia um farfalhar.

É só *um cervo*, disse a si mesmo. Um cervo ou uma raposa. Talvez alguém fazendo uma trilha.

Mas o cachorro arreganhou os dentes e os pelos de suas costas se eriçaram.

– Olá? – gritou Ross, mas ouviu apenas o ardiloso ruído de movimento. – É o vento – declarou, com firmeza. – Apenas o vento.

Mas sabia, assim como o menino que um dia fora, que não era.

Deu vários passos para trás, os olhos atentos às árvores.

– Vamos, Bilbo. Vamos voltar para casa.

Virando-se, ele começou a se afastar rapidamente, sentindo um aperto no peito. Mas então olhou para trás e viu o cão parado, ainda tenso, o pelo arrepiado.

– Bilbo! Venha! – Ross bateu palmas. – Agora!

O cachorro virou a cabeça para ele, e por um instante seus olhos ficaram quase ferais, selvagens. Mas de repente ele saiu trotando para Ross, a língua balançando alegremente.

Ross manteve o passo acelerado até cruzar todo o campo. Então colocou a mão (um pouco trêmula) na cabeça do cachorro.

– Pois é, nós somos dois idiotas. Isso fica entre nós.

A dor de cabeça havia diminuído um pouco quando ele voltou à casa, e seu estômago, mais sereno, dava sinais de que já lhe permitiria ingerir algumas torradas com mais chá.

Certo de que o pior havia passado, ele se sentou com os outros homens para assistir na TV a uma partida de algum esporte, mas foi levado por um sono entrecortado por sonhos ruins.

O cochilo ajudou, e a simples sopa que tomou no jantar lhe pareceu sublime. Ele fez suas malas enquanto Angie fazia as dela.

– Vou dormir cedo – disse à esposa. – Estou um caco.

– Você parece... abatido. – Angie tocou o rosto dele. – Está um pouco quente.

– Acho que estou ficando resfriado.

Rapidamente, Angie foi até o banheiro, remexeu nos armários e voltou com dois comprimidos muito verdes e um copo de água.

– Tome isto e vá para a cama. Também vai ajudar você a dormir, é um antigripal próprio para tomar à noite.

– Você pensa em tudo. – Ross os engoliu. – Diga aos outros que os verei de manhã.

– Durma um pouco.

Ela o colocou na cama, fazendo-o sorrir. Deu-lhe um beijo na testa.

– Acho que está um pouco febril.

– Amanhã vou estar melhor.

– Muito bem.

Pela manhã, Ross achou que estava melhor. Não cem por cento – aquela dor de cabeça chata e persistente tinha voltado e ele estava com o intestino solto –, mas tomou um bom café da manhã: mingau e café bem forte.

Uma última caminhada e o esforço de colocar a bagagem no carro atiraram sua circulação. Deu um abraço de despedida em Millie e Hugh.

– Venham a Nova York na primavera.

– É uma boa. Nosso Jamie pode cuidar das coisas por aqui por alguns dias.

– Diga tchau a ele por nós.

– Pode deixar. Ele deve estar chegando, mas...

– O avião nos aguarda – completou Rob. Era sua vez de dar os abraços.

– Ah, vou sentir falta de vocês – comentou Millie, puxando as duas mulheres para si. – Façam uma boa viagem e se cuidem.

– Venham nos visitar! – gritou Angie ao entrar no carro. – Amo vocês!

Ela jogou um beijo enquanto o automóvel deixava a fazenda MacLeod pela última vez.



Devolveram o carro alugado, infectando o funcionário da locadora e o empresário que o alugou em seguida. Infectaram, pela gorjeta, o carregador que pegou suas malas. Quando chegaram ao aeroporto e atravessarem a segurança, no mínimo duas dúzias de pessoas haviam sido contaminadas.

Outras mais na sala VIP, onde tomaram Bloody Marys e relembrou momentos felizes da viagem.

– Está na hora, Jayne. – Rob se levantou. Trocou abraços e tapinhas nas costas com o irmão, depois abraços e beijos no rosto com Angie. – Nos vemos semana que vem.

– Me mantenha informado sobre a conta de Colridge – pediu Ross.

– Pode deixar. O voo para Londres é curto, se surgir alguma informação que você precise saber, já a terá recebido quando desembarcar em Nova York. Descanse um pouco no avião. Você ainda está bem pálido.

– Você também parece um pouco cansado.

– Vou me recuperar – garantiu Rob, e, com a pasta em uma das mãos, fez com a outra um rápido aceno para seu gêmeo. – Até breve, mano.

Rob e Jayne MacLeod levaram o vírus para Londres. No caminho, eles o transmitiram a passageiros que seguiriam para Paris, Roma, Frankfurt, Dublin e muitos outros destinos. Em Heathrow, o que viria a ser conhecido como a Catástrofe se espalhou para passageiros com destino a Tóquio e Hong Kong, a Los Angeles e Washington D.C. e a Moscou.

O taxista que os conduziu ao hotel, pai de quatro filhos, levou o vírus para casa e condenou toda a família durante o jantar.

A recepcionista do Dorchester os atendeu com alegria durante o check-in. Uma alegria genuína. Afinal, no dia seguinte partiria para uma semana inteira de férias em Bimini.

Ela levou a Catástrofe.

Naquela noite, quando foram jantar com o filho, a nora e o sobrinho e sua esposa, eles espalharam a morte para mais membros da família, aumentaram sua disseminação com a generosa gorjeta oferecida ao garçom.

Mais tarde, de volta ao hotel, Rob atribuiu a dor de garganta, a fadiga e o enjoo a alguma virose que pegara do irmão – não estava errado – e tomou um antigripal para ajudá-lo melhorar.



No voo através do Atlântico, Ross tentou ler um livro, mas não conseguiu se concentrar. Recorreu então à música, na esperança de que o fizesse adormecer. Ao seu lado, Angie se entretinha com um filme, uma comédia romântica tão leve e doce quanto o champanhe em sua taça.

No meio da viagem, ele acordou com uma crise de tosse tão violenta que Angie na mesma hora começou a lhe dar tapinhas nas costas.

– Vou pegar água para você – ofereceu ela, mas ele balançou a cabeça e levantou a mão, recusando.

Ross tirou o cinto de segurança às pressas e se levantou para correr ao banheiro. Com as mãos apoiadas na pia, cuspiu um catarro amarelo e grosso que parecia sair como fogo de seus revoltos pulmões. Nem conseguiu recuperar o fôlego, pois a tosse o acometeu novamente.

Enquanto botava para fora mais catarro e um leve vômito, veio-lhe à mente uma lembrança ridícula de Ferris Bueller especulando se expeliria o pulmão inteiro.

Nesse momento, uma cólica terrível mal lhe deu tempo de baixar as calças. Agora, sentia-se expelir o intestino, o suor brotando no rosto. Tonto, apoiou a mão na parede e fechou os olhos enquanto seu corpo se esvaziava brutalmente.

Quando as cólicas diminuíram e a tontura passou, quase chorou de alívio. Exausto, ele se limpou, bochechou um pouco de enxaguante bucal e jogou água fria no rosto. E se sentiu melhor.

Avaliou o próprio rosto no espelho: continuava com olhos meio fundos, mas achou que parecia um pouco melhor. Deduziu que havia eliminado o vírus terrível que havia se instalado dentro dele.

Quando saiu do banheiro, a chefe de cabine o olhou com preocupação.

– Está tudo bem, Sr. MacLeod?

– Acho que sim. – Ligeiramente envergonhado, ele deu uma piscadela e brincou: – Excesso de *haggis*.

Ela riu por educação, sem imaginar que em menos de 72 horas estaria tão violentamente doente quanto ele.

Angie o fez se sentar em sua poltrona na janela.

– Você está bem, querido?

– Sim, sim. Acho que agora estou.

Depois de um estudo crítico da aparência do marido, ela afagou a mão dele.

– Está com uma cor melhor. Que tal um chá?

– É, pode ser.

Ele tomou alguns goles de chá e recuperou um pouco o apetite, o suficiente para experimentar a caçarola de frango do cardápio. Uma hora antes de aterrissar, teve outro acesso de tosse, vômito e diarreia, mas o considerou menos intenso que o anterior.

Precisou da ajuda de Angie para passar pela alfândega e pelo controle de passaportes e para empurrar o carrinho com a bagagem até o local onde o motorista do serviço de transporte os aguardava.

– Que bom revê-los! Deixe que eu levo isso, Sr. Mac.

– Obrigado, Amid.

– Como foi a viagem?

– Foi maravilhosa – respondeu Angie, enquanto passavam pela multidão no aeroporto John F. Kennedy, em Nova York. – Mas Ross não está se sentindo muito bem. Ele pegou algum vírus esses dias.

– Mas que pena! Vou levá-los para casa o mais rápido que puder.

Para Ross, a viagem até em casa foi extenuante: andar do aeroporto até o carro, acomodar a bagagem, enfrentar o trânsito, fazer o percurso até a bela casa no Brooklyn onde criaram dois filhos.

Mais uma vez, deixou que Angie cuidasse dos detalhes, grato pelo braço dela ao redor de sua cintura para aliviar o próprio peso, enquanto o guiava para o andar de cima.

– Você vai direto para a cama.

– Não vou discutir, mas quero tomar um banho primeiro. Sinto que... que preciso de um banho.

Ela o ajudou a se despir, o que despertou em Ross uma onda de ternura.

– O que eu faria sem você? – disse ele, apoiando a cabeça no peito da esposa.

– Nem tente descobrir.

O chuveiro lhe deu a sensação de estar no paraíso, fazendo-o ter certeza de que o pior realmente havia passado. Quando saiu e viu que Angie havia preparado a cama e colocado na mesa de cabeceira uma garrafa de água, um copo de *ginger ale* e seu celular, seus olhos ficaram cheios de lágrimas de gratidão.

Ela acionou o controle remoto para baixar as persianas.

– Beba um pouco da água, ou do *ginger ale*, para não ficar desidratado. E se você não estiver melhor pela manhã, vamos ao médico, entendido?

– Já estou melhor – afirmou Ross, mas obedeceu, tomando um pouco de *ginger ale* antes de se enfiar na cama com prazer.

Ela o ajeitou e colocou a mão em sua testa.

– Definitivamente, você está com febre. Vou pegar o termômetro.

– Mais tarde – pediu Ross. – Primeiro me deixe dormir um pouquinho.

– Vou estar lá embaixo se precisar de mim.

Ele fechou os olhos e suspirou.

– Só preciso de um pouco de sono na minha cama.

Angie desceu, tirou do freezer um pouco de frango e a carcaça que reservara e começou a tarefa de colocá-lo sob água corrente para acelerar o descongelamento. Planejava fazer um panelão de canja, sua cura para tudo. Faria bem a ela também, pois estava exausta e, sem que Ross visse, já havia separado para si alguns remédios para dor de garganta.

Não havia necessidade de preocupá-lo quando ele já estava tão mal. Além disso, ela sempre fora mais resistente que ele; provavelmente ficaria bem antes que sintomas piores surgissem.

Acionou o viva-voz e ligou para a filha, Katie, com quem conversou alegremente enquanto providenciava o degelo do frango e um chá.

– Papai está por perto? Queria dar um oi para ele.

– Dormindo. Ele pegou alguma coisa no Ano-Novo.

– Ah, não!

– Não se preocupe. Estou fazendo uma canja, até sábado ele vai estar bem para o jantar. Mal podemos esperar para ver você e Tony. Ah, Katie, eu comprei as roupinhas mais lindas do mundo para os bebês! Ok, admito que não foram só *algumas* roupinhas lindas. Espere só para ver. Tenho que desligar agora. – Falar estava sendo uma tortura para sua garganta. – A gente se vê daqui a alguns dias. Por enquanto, não venha aqui, Katie. É sério, o que seu pai tem deve ser contagioso.

– Diga que estou torcendo para ele melhorar logo e peça para me ligar quando acordar.

– Pode deixar. Te amo, querida.

– Também te amo.

Angie ligou a TV da cozinha só para ter companhia e decidiu que uma taça de vinho poderia ajudá-la mais do que o chá. Frango e carcaça na panela, deu uma subida para ver rapidamente como estava o marido. Tranquilizada ao encontrá-lo ressonando de leve, desceu novamente para descascar batatas e cenouras e cortar um pouco de aipo.

Concentrou-se na tarefa, deixando a tagarelice luminosa da TV lhe fazer companhia, e ignorou teimosamente a dor de cabeça que começava a se formar atrás dos olhos.

Se Ross melhorasse um pouco – e aquela febre cedesse –, ela o deixaria ficar na sala. E, por Deus, também vestiria um pijama, pois também estava se sentindo péssima. Queria se aconchegar a ele para tomarem a canja e verem TV juntos.

Cumpriu todo o processo de preparo da sopa como se estivesse ligada no automático, descartando os ossos, agora que já tinham cumprido seu papel, cortando a carne em pedaços generosos, acrescentando legumes, ervas, temperos e mais caldo de galinha.

Deixando o fogo baixo, subiu para ver Ross novamente. Não querendo perturbá-lo mas desejando ficar por perto, entrou no antigo quarto da filha e que agora servia para os netos em visita. Em seguida, correu para o banheiro de hóspedes e vomitou a massa que comera no avião.

– Minha nossa, Ross, que *porcaria* foi essa que você pegou?

Apanhou o termômetro digital de ouvido. Quando o aparelho soou, ficou encarando os números com desânimo: 38,5.

– Está decidido: vai ser canja na cama para nós dois.

Por ora, porém, tomou dois comprimidos de Advil e desceu para pegar um copo de *ginger ale* com gelo. Entrou de fininho no quarto para pegar uma blusa de moletom e uma calça de flanela – e meias grossas, pois sentia calafrios se aproximando – e voltou ao segundo quarto, onde trocou de roupa, deitou-se, puxou o belo edredom dobrado ao pé da cama e quase imediatamente adormeceu.

E mergulhou em sonhos com relâmpagos negros, com pássaros negros. Com um rio de águas vermelhas borbulhantes.

Acordou com um sobressalto, a garganta em chamas, a cabeça latejando. Aquilo tinha sido um grito? Enquanto tentava se desvencilhar do edredom, ouviu um baque.

– Ross!

O quarto girou quando ela se levantou de um salto. Xingando baixinho, correu para o outro quarto. Foi sua vez de gritar.

Ele estava caído no chão, ao lado da cama, sofrendo convulsões. Havia uma poça de vômito, outra de excremento aquoso, e sangue em ambas.

– Meu Deus, meu Deus...

Correu para o marido, tentou virá-lo de lado – não era isso o que se deveria fazer? Não sabia, não tinha certeza. Agarrou o celular dele na mesinha de cabeceira e ligou para o serviço de emergência.

– Preciso de uma ambulância. Preciso de ajuda. Meus Deus! – Conseguiu passar o endereço. – Meu marido, meu marido... Ele está tendo uma convulsão. Está ardendo em febre, muita febre. Ele vomitou... vômito com sangue.

– A ajuda está a caminho, senhora.

– Depressa. Por favor, depressa.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

